

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISÂNGELA VITAL DORTA

**INFÂNCIA E A DIMENSÃO LÚDICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMPINAS
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISÂNGELA VITAL DORTA

**INFÂNCIA E A DIMENSÃO LÚDICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2006

A todos que acreditam
e buscam uma educação
de melhor qualidade

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu fosse uma das alunas do PROESF, pois me sinto privilegiada por esta rica oportunidade de aprender mais,

Aos meus pais, por suas constantes palavras de incentivo e ânimo,

Ao meu filho pela sua admiração por mim, e também por seus questionamentos.
(Chegou a perguntar por não fiz faculdade quando ainda era solteira),

Ao meu esposo Daniel e aos meus irmãos, que sempre me desejaram sucesso,

A todas as minhas amigas e amizades que conquistei neste período,

Aos professores do curso que com dedicação contribuíram para ampliar o meu olhar em relação às crianças e a minha prática pedagógica.

O homem só é homem de fato quando brinca.

Friedrich Schiller

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
1. CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA.....	11
1.1. Refletindo sobre a infância.....	13
2. PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
2.1. Vivências na educação infantil.....	17
3. O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3.1 - Eu, uma profissional de educação infantil.....	20
4. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
4.1. O direito de brincar.....	22
4.2. Brincadeira é coisa séria.....	24
4.3. Ensinar e aprender brincando: diferentes linguagens.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
ANEXO 1 – Músicas: O trem maluco e Lagarta Pintada.....	31
ANEXO 2 – Apenas brincando.....	32
ANEXO 3 – Ao contrário, as cem existem	34

APRESENTAÇÃO

Este acróstico com o tema memorial foi uma atividade que realizei no dia 18/08/2005, depois da primeira aula sobre o assunto.

Memórias relacionadas à formação, prática pedagógica

E reflexão sobre ambas através deste curso

Muito importante para

Organizar e registrar nossas idéias

Refletidas criticamente,

Imprescindível ter um tema que deve ser escrito

Articulando teoria e prática

Lição aprendida, se alcançada com êxito e a tempo.

Escrever este memorial foi para mim algo bastante desafiador, não por incapacidade ou por falta de entendimento do que o curso proporcionou, mas por receio de não conseguir organizar tudo: eixo temático, experiências, prática pedagógica e embasamento teórico de maneira coerente, compreensível e satisfatória.

Pois é certo que pensar ou falar sobre determinado conteúdo ou situação é bem diferente de escrevê-las. Assim, escolhi o tema Infância e a dimensão lúdica na educação infantil, porque me identifiquei com ele durante as disciplinas. Foi algo de grande relevância para reflexão na minha prática docente.

Pretendo discorrer minha escrita em quatro partes, sendo que na primeira faço uma reflexão sobre a construção da infância na sociedade bem como a infância está sendo vivenciada na nossa sociedade de ontem e hoje.

Na segunda parte comento sobre as instituições, dando uma pequena introdução quanto ao seu surgimento, apontando também algumas vivências pessoais em tais instituições na minha infância.

Em seguida, ou seja, na parte três, relato sobre o profissional de educação infantil, suas exigências, seu papel e também um pouco da minha experiência enquanto

auxiliar de desenvolvimento infantil trabalhando em creche e as mudanças que senti com a passagem para professora de pré-escola.

Termino com a referência à importância do lúdico na educação infantil, onde farei citações teóricas que me auxiliarão na escrita desta especificidade da educação e que eu julgo tão necessária, já que vivencio isto no meu dia-a-dia escolar.

INTRODUÇÃO

(...) A identidade de uma pessoa ou de um povo começa nos rituais de infância.

Erik Erikson.

O pensamento acima é bem pertinente ao meu assunto, pois pretendo neste memorial discorrer um pouco sobre os temas infância e a dimensão lúdica na Educação Infantil. Por meio dos conhecimentos obtidos durante o curso, tentarei explicitar mudanças de pensamentos e atitudes na minha prática profissional.

Isso porque tive a oportunidade de trabalhar na educação infantil nos seus dois segmentos: creche e pré-escola.

Diante de algumas inquietações a respeito da maneira como a infância e as crianças são tratadas em nossa sociedade, é que me surgiu a idéia de tratar deste assunto, pois através deste curso de pedagogia do PROESF tive a oportunidade de conhecer a história da infância e pude refletir sobre como essa infância e as crianças estão sendo tratadas na nossa sociedade e principalmente em nossas escolas.

O segundo ponto de minha escrita diz respeito à importância do lúdico na educação infantil, pois através do que eu já tinha de conhecimentos sobre o brincar, o conhecimento teórico adquirido através do curso em algumas disciplinas como Artes, Educação Física, Psicologia, Pedagogia da Educação Infantil e outras, foram de fundamental importância para meu crescimento profissional.

As disciplinas e os conteúdos estavam ligados à nossa prática, e por muitas vezes os assistentes pedagógicos (professores que ministravam as aulas) conduziram suas aulas por meio de diversas expressões, técnicas, materiais e dinâmicas.

Assim o aprendizado tornou-se significativo, e isto com certeza me fez pensar na possibilidade de estar utilizando com mais intensidade este recurso com meus alunos. Pensando no fato de que o que a criança mais gosta de fazer é brincar e principalmente no fato de serem pequenas, acredito que o professor deve utilizar-se de vários recursos para proporcionar uma aprendizagem que desperte a curiosidade, a imaginação, o prazer em aprender.

Pretendo, a partir de agora, apresentar argumentos teóricos que me iluminaram para a escrita deste tema bem como exemplos, atitudes e vivências pessoais e profissionais enquanto professora, que possam concretizar meu pensamento, ressaltando que a formação profissional adquirida no curso contribuiu em grande parte para que isto acontecesse.

1. CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA

O valor das coisas não estão no tempo em que duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

O conceito de criança e de infância que conhecemos nem sempre existiu. Atualmente, o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança, para efeitos desta lei, a pessoa até doze anos incompletos. O dicionário da editora Fênix define a palavra criança como: “sf. Ser humano de tenra idade; menino; menina; (fig.) pessoa ingênua”. E a palavra infância segundo este dicionário é: “sf. Período da vida, do nascimento aos sete anos; as crianças”.

Mas a sociedade nem sempre percebeu a infância da maneira como conhecemos hoje. Os significados da infância são construídos socialmente, e sofrem modificações que ocorreram e ocorrem por determinações culturais e mudanças estruturais na sociedade.

A criança é um ser histórico-concreto, com características, sensibilidade e lógica próprias. Ter sentimento de infância não significa o mesmo que ter afeição pelas crianças, mas corresponde à consciência da particularidade infantil que distingue essencialmente a criança do adulto, e essa consciência não existia.

Segundo Ariès, durante a idade média a sociedade via a criança como algo bonitinho, engraçadinho, como se fosse um animalzinho. Este sentimento caracterizado pela *papiricação* surgiu no meio familiar com crianças bem pequenas, por sua ingenuidade, gentileza, inocência e graça tornando-se uma fonte de relaxamento e distração para o adulto. Assim que a criança tinha condições, conseguia algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, partilhando dos seus trabalhos e jogos.

De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar etapas da juventude. Não havia separação entre a criança e o adulto, assim como não havia uma separação pronunciada do universo familiar mais amplo. Na época, a casa da família era pública, os espaços se confundiam, as famílias eram numerosas e havia grande preocupação em cuidar dos bens, das propriedades.

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. Vivia uma fase sem importância, portanto, que não fazia sentido fixar na lembrança.

A transmissão dos valores e dos conhecimentos e de modo mais geral a socialização não eram nem assegurados, nem controlados pela família. A criança se afastava logo dos seus pais, a educação era garantida graças à convivência com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (ÁRIES, 1981, pp. 18-35).

Começou a haver alterações quando a sociedade muda do Sistema Tradicional (Idade média) para o Sistema Burguês, com a industrialização e o capitalismo, onde a mulher e a criança começam a ser alvos da política.

No século XVII surge outro sentimento da infância chamado *moralização*, em que a criança era algo necessário de se preservar e disciplinar, tidas como frágeis criaturas de Deus. Este sentimento era provindo de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens das leis, que se preocupavam com a disciplina e a racionalidade dos costumes.

Enquanto a paparicação se dava no meio familiar, a moralização ocorria por intermédio de quem cuidava da criança, havendo uma preocupação com a parte psicológica e com a moralização da criança.

O apego à infância e sua particularidade não se exprimia através da distração e da brincadeira, mas através de interesse psicológico e da preocupação moral. Crianças são sujeitos sociais e históricos marcados pelos aspectos das sociedades em que vivem.

Este assunto que descrevi acima fez parte do conteúdo da disciplina Educação da Criança de 0 a 6 anos, onde aprendemos um pouco sobre a construção social da infância.

Antes desta disciplina eu não tinha conhecimento sobre estas mudanças de olhar a criança, o que me fez perceber que a paparicação ainda existe atualmente no sentido de mimar a criança pequena, enquanto que a moralização hoje não vê a criança como adulto em miniatura, mas como um ser que necessita de uma educação que lhe proporcione condições para que possa viver em harmonia na sociedade.

Não quero dizer que devemos traçar um caminho para que a criança acompanhe como sendo o certo, mas que possamos mostrar-lhe as possibilidades de escolha para que analise e escolha aquela que melhor lhe convir.

1.1. Refletindo sobre a infância

Inspirando-me no tema infância escrevi o acróstico abaixo em uma das aulas da disciplina de Educação da Criança de 0 a 6 anos:

Instantes de alegrias
Na lembrança, com
Fortes estímulos para
Auto-estima de cada ser,
Necessária ser bem vivida, pois
Com certeza, uma base boa e sólida
Iniciará construções (seres humanos) de
Alta qualidade.

Antes deste curso, eu pensava que as palavras criança e infância sempre andaram juntas. Quando me reportava à palavra infância, de imediato, vinha em minha mente, momentos de alegria, brincadeiras, inocência, saudade de coisas boas, de um período de nossas vidas, do nascimento aos sete anos, talvez quem sabe, aos dez ou onze anos, em que começamos a entrar na fase da adolescência. Mas também lembrava de tristezas, decepções, desilusões, desencanto pela vida, pois sei que muitas crianças em todo mundo se tornam adultos sem ter tido uma infância feliz.

Assim ter a oportunidade de passar por este conteúdo no curso foi de muito proveito, pois agora entendo que atualmente temos um novo conceito sobre criança e sentimento de infância bem diferente da idade média.

Em nossa sociedade as crianças, são tratadas de maneira diferenciada do adulto, ou pelo menos deveriam. Deveriam porque muitas crianças ainda não têm a real

oportunidade de serem crianças e de viverem a infância, e para que essa infância aconteça, necessitam de tempo e espaço para brincarem e se desenvolverem como tais.

Isto é visível quando vemos crianças trabalhando nos sinais, recolhendo materiais recicláveis, ou sendo sobrecarregadas com atividades domésticas e muitas vezes sendo responsáveis pelo cuidado dos irmãos menores enquanto os pais trabalham.

Isto também aparece em reportagens de revistas e telejornais que contam histórias de pessoas que começam a trabalhar ainda criança, forçadas por uma circunstância de dificuldades e de miséria, e que até por uma questão de sobrevivência iniciam a vida de pequenos trabalhadores quase sempre em serviço de situação desumana.

O que eu não havia me dado conta é que não são apenas crianças pobres que estão deixando de viver a infância. Também as que possuem uma situação financeira privilegiada estão perdendo esse período mágico da vida em prol de uma preparação para o futuro, pois além de estudar, fazem cursos como de caratê, balé, natação, computação, de inglês, instrumentos musicais, e outros. Assim os pais preenchem a agenda das crianças não permitindo tempo para o brincar.

Sobrecarregadas com atividades extras que nem sempre fazem sentido à sua faixa etária, os brinquedos acabam sendo deixados de lado cada vez mais cedo, e crianças alimentam o sonho de se tornarem adolescentes rapidamente e esse amadurecimento precoce pode vir a ter efeitos negativos no desenvolvimento da criança, pois etapas importantes do processo de formação de sua personalidade são esquecidas e as descobertas são aceleradas.

Hoje, quando analiso esta situação sinto muita tristeza, tanto quanto no caso das crianças pobres, porque estas vivem em função do futuro incerto.

Sabendo que memórias da infância, positivas ou negativas, são levadas à frente por toda a vida, é preciso reeducar a família e a escola para que saibam que há um tempo para tudo e que ser criança é uma fase mágica, bonita e que precisa ser melhor vivenciada.

2. INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescente brincando de matar gente, oferecendo a vida, destruindo o sonho, e imobilizando o amor. Se a educação, sozinha, não transforma a realidade, sem ela, tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

Unindo a descoberta da infância com as transformações na família e da estrutura da sociedade, surgiu a escola que substituiu a aprendizagem informal como meio de educação.

Durante o século XIX, surgem as primeiras instituições de modalidade específica para a criança pequena de zero a seis anos de idade em vários países do continente europeu, surge como parte de uma série de iniciativas reguladoras da vida social que envolve a crescente industrialização e urbanização.

A grande expansão das relações internacionais na segunda metade do século XIX proporcionou a difusão das instituições de educação infantil, que começaram a chegar no Brasil na década de 1870.

Em princípio as escolas de educação infantil, que entre outros nomes, já foi chamada de asilo, escolas maternais, jardins de infância, parques infantis, e tinham a função de prestar assistência às crianças carentes, principalmente de mães trabalhadoras.

Atualmente, a educação infantil, embora faça parte da educação básica, ainda não é um direito assegurado para todas as crianças, pois esta não consegue atender a demanda de toda a população, principalmente as crianças de creche (de zero a três anos), no entanto é mencionada na LDB:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

A lei assegura este direito, porém o fato de não dar conta da demanda implica no crescimento do número de instituições particulares de educação infantil. Isso vem resultando uma divisão de classes dentro da própria educação infantil, onde crianças das classes menos favorecidas acabam ficando com as poucas vagas oferecidas pelas instituições públicas, enquanto que as crianças de classe média e alta são as que passam a frequentar as instituições particulares.

E independente de ser pública ou privada,

As instituições de educação infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e que possibilitem o convívio das mais variadas diferenças, apontando para a arbitrariedade das regras (daí o jogo e brincadeira serem tão importantes, iniciando o exercício da contradição, da provisoriedade e da necessidade de transformações). (FARIA, 2003 – p.70).

Atualmente, as crianças começam a frequentar cada vez mais cedo as instituições voltadas para elas, como as creches e as escolas de educação infantil. Nesses espaços, o brincar é muitas vezes desvalorizado em relação a outras atividades consideradas mais produtivas, e a brincadeira acaba ocupando o tempo de espera ou do intervalo entre uma coisa e outra.

Bom seria se nós educadores tivéssemos o cuidado para que o brincar não fique restrito apenas para espaços como parques, tanque de areia, salas de jogos.

É bastante interessante proporcionar condições para que a criança encontre diferentes formas para brincar, exercitando assim a descoberta do mundo, levantando hipóteses e pensando sobre maneiras de adaptação para inúmeras situações. Quanto mais a criança brinca, mais abrangente será sua aquisição de linguagens e conceitos.

Para que isso ocorra o professor deve se preocupar com a organização do tempo e do espaço, permitindo que a criança vivencie novidades, espaços diferentes da casa, da escola e do hospital com atividades que digam respeito a toda dimensão humana (a lúdica, a artística, a fantasia e a imaginação etc), onde as crianças possam se expressar e ter uma infância prazerosa e feliz.

2.1. Vivências na educação infantil

A imaginação será mais rica quanto mais rica for a experiência.

Vygotsky

Vivenciei a experiência de ser aluna da educação infantil. Comecei a frequentar a escola aos quatro anos de idade, não sei exatamente os motivos, mas tinha muita vontade de ir a escola. Por eu insistir muito, dizendo que queria estudar, meus pais procuraram por uma escola que atendesse nesta faixa etária e encontraram uma chamada “Jardim dos Santos Anjos”, uma instituição filantrópica, onde uma mãe era responsável pela direção da escola. Localizada em Pernambuco, no interior da cidade de Caruaru (lugar onde eu morei no ano de 1982 e metade do ano seguinte, quando retornei para São Paulo na região do ABC paulista).

Desta época não me recordo de muitos detalhes, nem tenho uma lembrança nítida da escola ou brincadeiras que eram realizadas, mas nunca esqueci músicas, como por exemplo, do trem de Pernambuco e da Lagarta Pintada (Anexo 1), que era cantada e num determinado trecho desta música, puxava e tinha a minha orelha puxada como parte de uma brincadeira.

Lembro-me bem que em um dia chuvoso meu irmão mais velho se atrasou para me buscar na escolinha, e a mãe admirada por eu ter me comportado de maneira tranquila e sem choro, me mostrou uma caixa grande cheia de brinquedos e pediu para que eu escolhesse um, escolhi um bonequinho de tricô azul que me chamou a atenção (hoje, este boneco que guardei com carinho pertence ao meu filho).

No ano de 1984, já morando na cidade de Mauá, próxima da cidade de São Paulo, frequentei a pré-escola em uma unidade municipal.

Tenho lembranças vagas de atividades como pinturas de desenhos, passar em cima de pontilhados, ligar letras ou figuras, etc, e também de momentos que brincava com brinquedos e com crianças da mesma faixa etária.

Momentos em que usava a imaginação, assumia papéis do “mundo adulto”, como, por exemplo, ser mãe, tia, professora, bonecas viravam crianças com sentimentos de alegria, tristeza, e sensações de frio ou calor. Folhas de árvores do parque viravam dinheiro valioso para fazer compras no mercado e na farmácia.

Assim, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, pp.134-135).

Portanto, o que tinha um sentido para mim quando criança, hoje percebo (com um olhar adulto e de professora) um sentido vivo e que o brincar é de fundamental importância para a criança se apropriar do mundo em que vive e a rodeia.

Diferentemente da experiência que tive na mesma pré-escola, com o algarismo *um*, em que a professora falou que este representava um, mas pediu para encher uma folha sulfite com o número 1, e gastando um tempo razoável eu assim o fiz. Mas a professora fez uma marca na minha folha que não me lembro exatamente o que era, mas sabia que não era bom, e não entendi porque fez aquilo, pois eu havia preenchido toda a folha. Com isso, me senti chateada e incapaz. Depois de um bom tempo descobri a razão de ter “ganhado aquela marca ruim”, foi porque fiz o número 1 com o traço virado do lado contrário.

Hoje me pergunto, qual o sentido de muitas atividades que são propostas para as crianças de educação infantil?

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que são oferecidas nas instituições, sejam elas voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem intervenção direta. (RCN, vol.2, p.27).

Penso que à luz desta citação dos RCN's, o professor deve possibilitar uma diversidade de expressões e atividades dentro da escola, respeitando o ritmo, o desenvolvimento e a capacidade de cada criança, e que ao invés de retrai-la, deve tentar ajudá-la a resolver seus conflitos e ampliar seus conhecimentos.

Fato ou coincidência, foi no período em que vivenciei a pré-escola que comecei a sentir o desejo e a sonhar em ser professora de EMEI (já que ainda não conhecia o

termo educação infantil). E hoje me sinto muito feliz por ter realizado este sonho, que antes de acontecer vivenciei em muitos momentos de brincadeira.

3. O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

É preciso que os profissionais de educação infantil tenham acesso ao conhecimento produzido na área da educação infantil e da cultura em geral, para repensarem sua prática, se reconstruírem enquanto cidadãos e atuarem enquanto sujeitos da produção do conhecimento. E para que possam, mais do que “implantar” currículos ou “aplicar” propostas à realidade da creche / pré-escola em que atuam, efetivamente participar da sua concepção, construção e consolidação.

Kramer apud MEC /SEF / COED, 1996

Atualmente a educação infantil faz parte da educação básica, e isto acarreta exigências na formação do profissional que atua nesta área, a LDB diz:

Art. 62. A Formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Critérios como gostar de criança ou demonstrar amor maternal não bastam para um profissional de educação infantil, é necessária a busca de novos conhecimentos que ajudem a superar o trabalho assistencialista, (que era foco nestas instituições) apontando assim para o início de uma profissionalização e uma intencionalidade educativa.

Não significando que este seja momento de sistematizar o conhecimento para apresentá-lo às crianças. “*Não é a criança que precisaria dominar conteúdos disciplinares, mas as pessoas que a educam*”. (KUHLMANN, 2003, p.65).

É importante reconhecer que é no binômio educar e cuidar que devem estar centradas as funções complementares e indissociáveis dessa instituição.

O profissional deve perceber a criança como alguém que precise de um atendimento multifacetado capaz de considerar questões afeitas ao cuidado e à educação.

Assim não é possível visualizar o profissional que somente possui um perfil de professor, mas também de pessoa consciente de que estão em contato com crianças em estágios de desenvolvimento físico, motor, emocional, com especificidades da educação infantil, o que pressupõe o educar e o cuidar, participando com ela da interação com o mundo e com o outro.

3.1 - Eu, uma profissional de educação infantil

O caminho para saber quem somos, que reconhecimento social temos, é olhar para o reconhecimento social da infância, adolescência e juventude com que trabalhamos.

Arroyo

Trabalho na cidade de Americana com educação infantil desde março de 2000, sendo que ocupei a função de A.D.I. (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil) até dezembro de 2002, mês em que fui contratada pela mesma prefeitura para exercer o cargo de professora de pré-escola (após classificação em concurso público).

No período em que trabalhei em creche na função de A.D.I. pude observar as diversas maneiras que os pais tratam seus filhos, principalmente as mães, por geralmente acompanharem mais de perto as crianças.

Havia mães que deixavam seu filho na creche e demonstravam com gestos ou palavras uma sensação de culpa por ter que trabalhar e deixar seu filho na creche, mesmo acreditando ser esta, dentre outras, a melhor alternativa.

Outras, porém, demonstravam um alívio por se livrar de seu filho por um longo período, e sem muita alegria tinham que buscá-lo, e isto para mim era algo horrível e sem explicação.

Que “ingenuidade” a minha! Pude perceber após a leitura e discussões em sala de aula sobre o livro: *Um amor conquistado – O Mito do Amor Materno*, onde a autora diz e reafirma através de estudos e pesquisas que o amor materno não é um sentimento inato, ele não faz parte da natureza feminina, mas é um sentimento que se desenvolve com reflexos das variações sócio-econômicas da história, e pode existir, ou não, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães, portanto não existem em todas as mulheres, lugares e épocas.

Conhecendo este aspecto da condição da mulher como mãe, o meu olhar para elas e também para seus filhos passou a ser mais cuidadoso, no sentido de não julgá-las e sim em ajudá-las na educação de seus filhos.

Quando passei a exercer a função de professora de pré-escola (mais recentemente denominado professor de educação infantil) também notei uma diferença no olhar dos pais e familiares com relação aos profissionais da educação infantil, e que esta diferença não está apenas na nomenclatura, carga horária, salário, mas também na melhor valorização dos pais em relação a estes profissionais – A.D.I. e professor.

Muitos ainda acreditam que o profissional que trabalha na função de A.D.I. não tem conhecimento ou formação alguma, são muitas vezes considerados como simples babás. É verdade que nos últimos concursos para este cargo foi exigido apenas o primeiro grau. Mas essa realidade está aos poucos mudando, muitos desses profissionais, que em sua grande maioria é mulher, estão buscando formação. Várias já possuem magistério, outras estão cursando a faculdade de pedagogia (inclusive o PROESF / Unicamp.).

No ano de 2003 foi o primeiro ano que atuei como professora de pré-escola (e também ingressei no curso de pedagogia - Proesf, no segundo semestre deste ano).

Notei uma grande diferença no tratamento e até no respeito com relação aos cargos que ocupei dentro das unidades de educação infantil. Depois pude perceber que diferenciam também na valorização entre creche e EMEI.

Atualmente trabalho em uma Casa da Criança (unidade de creche / emei), como professora do maternal II, na creche, e no ano passado um pai me perguntou porque eu entrava mais tarde e saía mais cedo do que as demais A.D.I.s, expliquei-lhe as diferenças dos cargos, e conseqüentemente sua carga horária.

E pensando neste fato, acredito que temos muito para melhorar e mostrar não apenas para os pais, mas para toda a comunidade e sociedade que a educação infantil (principalmente a creche) tem objetos e peculiaridades diferentes das do ensino fundamental, devido à faixa etária que atende, e nem por isso, tenha menor importância, e não necessite de conhecimento (acadêmico) e reconhecimento (dos pais, sociedade, e dos próprios profissionais).

4. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O que observa na nossa sociedade, com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence.

Marcellino

O papel da educação infantil ainda não é claro para muitos, os pais em sua maioria estão preocupados em ter um lugar onde possam deixar seus filhos enquanto trabalham, e entre educadores não existe um consenso a respeito do papel da pré-escola.

Uns consideram que não seja capaz de fornecer qualquer benefício à escolaridade superior; outros defendem a educação pré-escolar como forma de prevenir os problemas e fracassos da 1ª série, onde com a preocupação em garantir um bom aprendizado para as crianças, muitos professores acabam massacrando-as com inúmeras atividades, pouco ou nada interessantes.

Outros ainda atribuem à pré-escola o papel de promover o desenvolvimento da criança, retirando dela o caráter preparatório, vendo a pré-escola como tendo objetivos em si mesma.

Em algumas disciplinas durante o curso, pude observar a utilização de algumas atividades em que, através da brincadeira, o conteúdo foi apresentado e que foi muito significativo. Então porque não utilizar um recurso tão fácil e importante? Sendo assim, esta idéia é a que passo a defender.

4.1. O direito de brincar

Os adultos têm dificuldade de reconhecer o direito de brincar. E de reconhecer que o brincar é o trabalho da criança. Todas as crianças em todo o mundo, mesmo nas mais terríveis condições de dificuldade, pobreza, proibição, brincam.

Brincando é que a criança organiza o mundo, domina papéis e situações e se prepara para o futuro.

Luiz Lobo

Segundo o Referencial Curricular Nacional (vol 2, p.22). “*O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia*”. Além de ser imprescindível é um direito dela.

A Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas em 20 de novembro de 1959, foi proclamada para que a criança possa ter uma infância feliz, em seu princípio 7º, coloca que:

A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação, a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito.

Antes do curso nunca tive interesse em pesquisar para fundamentar minha prática. Na disciplina de Pedagogia da Educação Infantil, a partir de alguns textos, este assunto foi encaminhando para conhecimentos sobre especificidades da educação infantil, fazendo-me refletir sobre a importância do brincar e o conhecimento sobre teorias e leis.

Nos dias atuais a falta de espaço e a preocupação constante com a violência, principalmente nas grandes cidades, têm afastado as crianças das tradicionais brincadeiras de rua, que cada vez mais perdem preferência para os brinquedos eletrônicos que conquistam as crianças com a ajuda da mídia.

Com isso, os pais, muitas vezes, ficam juntando dinheiro para comprar um determinado brinquedo que nem sempre a criança pode brincar, porque vai estragar. Alguns brinquedos chegam a causar frustrações, quando as crianças percebem que, diferentemente do comercial, por exemplo, o seu boneco não voa, ou não emite tais sons.

É triste pensar que o brincar em algumas ocasiões, nada mais é que o colecionar e guardar brinquedos no armário. A mídia cria necessidades supérfluas e para muitas pessoas, necessidades impossíveis de serem realizadas, o que pode gerar angústias e sensação de impotência.

Em geral os brinquedos com maior tecnologia, apesar de provocar grande atração, são logo deixados de lado. Enquanto os brinquedos pedagógicos permitem uma maior interação e uso da criatividade, tornam-se mais interessantes, pois a criança sente a necessidade de criar e fantasiar por meio da brincadeira.

4.2. Brincadeira é coisa séria

As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinqueado, aquisições que no futuro torna-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade.

Vygotsky

A brincadeira não é simples recreação, nem descanso para o professor. O espaço e o tempo de brincar devem ultrapassar em muito a limitada concepção do recreativo e do lazer. Este espaço e o tempo devem entrar de forma decisiva na composição do projeto político pedagógico das escolas e no planejamento dos professores.

Dessa forma contribuem para que os alunos possam vivenciar de maneira lúdica e agradável, desafios possíveis de serem vencidos, instigando a curiosidade, a descoberta, e favorecendo a alegria e a auto-estima tão preciosos na fase do desenvolvimento infantil.

Quando utilizam a linguagem do faz de conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e de pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. Na brincadeira, vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas. (RCN vol.2 – p.23).

Eu, como professora de educação infantil, já pensei em jogos e brincadeiras como algo que somente tivesse que responder e encaixar em objetivos, e mais objetivos, e nem sempre conseguia enxergá-los, principalmente quando existia a exagerada preocupação em separá-los por áreas do conhecimento. Percebo que exigências demais para com as crianças pequenas acabavam por reduzir o tão precioso tempo para a brincadeira realizada com prazer e alegria.

Sinto que as crianças desta faixa etária necessitam muito do brincar, pois na brincadeira, no jogo, elas podem assimilar o que ainda não sabem fazer, e a partir do momento que elas tentam imitar o que o adulto sabe, aprendem brincando.

Através do lúdico a criança se sentirá mais à vontade para expor suas idéias e expressar seus sentimentos.

As crianças participam das relações sociais, e este não é exclusivamente um processo psicológico, mas social, cultural, histórico. As crianças buscam essa participação, apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, porque as relações sociais são parte integrante de suas vidas, de seu desenvolvimento. (KULHMANN, 2003, p.57).

Ao ler o texto: *Apenas Brincando*, de Anita Wadley, (Anexo 2), percebi o quão grande e importante é o espaço lúdico para as crianças, e que de uma simples brincadeira os sonhos podem se tornar realidade. Talentos despertam e as crianças de outrora se transformam em senhores e senhoras atuantes de uma sociedade.

4.3. Ensinar e aprender brincando: diferentes linguagens

...Tomar a criança como ponto de partida exigiria compreender que, para ela, conhecer o mundo envolve o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática. Que para ela, a brincadeira é uma forma de linguagem, assim como a linguagem é uma forma de brincadeira.

Kuhlmann

Na brincadeira infantil a criança assume e exercita vários papéis com os quais interage no cotidiano. Ela brinca de ser mamãe, papai, depois se transforma em um gato, médico, motorista, artista de TV, etc. Pode afastar-se de significados já estabelecidos, criando novas significações, desempenhando papéis que conhece de maneira diferenciada, ou ainda novos papéis.

O brincar de faz-de-conta é muito importante para a criança pequena. Permite a criança reviver situações que lhe causaram enorme alegria, tristeza, angústia, medo ou raiva, podendo nesta situação mágica e descontraída expressar diversos tipos de emoções.

No ano de 2004 trabalhei com uma turminha de nível I (26 crianças com a faixa etária de 3 anos e meio a 4 anos). Lembro-me de uma situação que observei. Uma menina conversava com uma boneca dando-lhe uma bronca. Dizia brava:

- Filha, porque você deixou cair o celular na privada, olha, estragou!

Quando a mãe veio buscar a criança, relatei a ela o que vi, curiosa para saber se este fato tinha alguma relação com alguma experiência da criança. E a mãe rindo me falou que ela tinha derrubado o celular na privada que caiu do bolso da calça, e que seu marido havia ficado muito bravo.

Então na realidade dentro do faz-de-conta a menina reviveu o papel do pai, e transferiu para a boneca uma situação vivida por sua mãe, onde ela era uma espectadora que observou, viveu o acontecimento na brincadeira.

Outro exemplo de uma situação ocorrida neste mesmo ano que me chamou a atenção aconteceu no parque. Uma criança simulou um desmaio, caindo no chão lentamente, fechando os olhos, e outra que fazia o papel de mãe tentou despertar a filha de maneira dramática, não conseguindo, pediu socorro, para alguém chamar um médico, e este apareceu para socorrer quem “desmaiou”, com pedacinhos de gravetos e folhas de árvore (não sei se estava previamente combinado todos os papéis desta história para determinada criança, ou se foi acontecendo com a seqüência da representação).

A brincadeira simbólica leva à construção pela criança de um mundo ilusório, de situações imaginárias onde objetos são usados como substitutos de outros, conforme a criança emprega com gestos e falas adequadas. Isso ocorre conforme a criança experimenta vários papéis no brincar e pode verificar as conseqüências por agir de um ou de outro modo. Com isso a criança internaliza regras de conduta, desenvolvendo o sistema de valores que irá orientar seu comportamento. (OLIVEIRA [et al.], 1992, p.55).

(Anexo 3)

Pensando que vivemos em uma sociedade onde não existe somente a linguagem escrita, ou só a matemática, devemos tomar o cuidado de valorizar apenas estas, desprezando as demais linguagens.

Depois das aulas da disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Arte, senti despertar a necessidade de ouvir e de proporcionar momentos com mais músicas de diferentes gêneros e ritmos (inclusive clássicas que pensei não gostar, hoje já tenho uma coleção), movimentos, enfim momento com mais alegria e fantasia. Preocupo-me, em disponibilizar mais apetrechos (como por exemplo, cabanas, roupas, telefones, teclados de computador, microfone, etc) para enriquecer as brincadeiras e a aprendizagens das crianças.

Tento explorar melhor os espaços da unidade, e resgatar brincadeiras e brinquedos não apenas na época do dia em que consideramos do folclore, para que estes possam pertencer de fato ao contexto da criança, valorizando a cultura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com certeza muitas coisas poderiam ser acrescentadas à minha escrita neste memorial, porém vale ressaltar que o que eu acredito ser essencial, espero ter conseguido escrever. As concepções que nós enquanto educadores temos com relação à infância, à criança e quanto ao brincar devem estar sempre associadas a uma teoria para que não corramos o risco de ter ações que pertençam ao senso comum.

Isso porque à medida que temos conhecimento teórico para embasar nossas atitudes teremos a firmeza para agir, sem medo, sem preocupações, pois o conhecimento adquirido possibilita novas indagações.

Então através de toda teoria vivenciada durante o curso, tenho a certeza de que enquanto professora de educação infantil devo considerar as diferentes características das crianças, seja de gênero, de raça, social, religiosa, isto é, como educadora devo tomar conhecimento da realidade infantil como ponto de partida, ampliá-los e organizá-los através de um trabalho significativo, planejado e consistente.

Visto que existem muitos estudos sobre o assunto, o professor deve buscar conhecimentos teóricos para melhorar e conduzir seu fazer, não correndo o risco de parecer um profissional que não sabe nada, apenas brinca, sendo esta a impressão de muitas pessoas em nossa sociedade que, por não conhecerem a realidade de uma escola de educação infantil, acabam por dizer que lá as crianças só brincam e vão aprender “as coisas” quando forem para o ensino fundamental.

Evidentemente, a educação infantil sendo o início da educação básica, os profissionais que nela atuam devem ter consciência e tratar de maneira séria as crianças respeitando suas particularidades, favorecendo uma educação que vise o melhor para o aluno e para a sociedade.

É urgente e necessário que o professor procure ampliar cada vez mais as vivências da criança com o ambiente físico, com brinquedos, brincadeiras, e com outras crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. (tradução de Dora Flaksman). Rio de Janeiro, 1981. pp.9-35 / 156-164.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado - O Mito do Amor Materno*. (tradução de Waltensi). [S.l.] 1981. pp.18-144.

BRASIL, *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, de 20 de dezembro de 1959.

BRASIL, *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, promulgada em 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial Curricular para Educação Infantil*, Brasília, DF: MEC, 1998.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. [organização do texto Sandra Esteves de Souza; revisão crítica Ciro de Moura Ramos]. Itapevi, SP : Fênix, 1991.

ECA. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069, de 13 de julho de 1990.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (orgs.). *Educação Infantil Pós LDB: Rumos e Desafios*. Campinas, SP: ed. Autores Associados, 1999.

KUHLMANN, Moysés Jr. *Educando a Infância Brasileira*. Brasil 500 anos. [S.l.n.] 2000. pp.469-504.

OLIVEIRA, Zilma Moraes de; [et al.] *Creches: Crianças, Faz de conta e & cia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. cap. 7 – O Papel do Brinquedo no Desenvolvimento. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*; organizadores Michael Cole [et. al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1988. pp.121-137.

ANEXO 1

Música: O Trem Maluco

O trem maluco

Quando sai de Pernambuco

Vai fazendo chic, chic

Até chegar no Ceará.

Rebola pai, mãe, filho

Eu também sou da família

Também quero rebolar.

Música: Lagarta Pintada

Lagarta pintada

Quem foi que te pintou

Foi uma menina que aqui passou

No tempo das areias

Levanta poeira

Pega essa menina pela ponta da orelha.

ANEXO 2

APENAS BRINCANDO

Anita Wadley

Quando estou construindo com blocos no quarto de brinquedos
Por favor, não diga que estou apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo
Sobre equilíbrios e formas.
Quando estou me fantasiando, arrumando a mesa e cuidando das bonecas,
Por favor, não fique com a idéia que estou apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser mãe ou pai algum dia.
Quando estou pintando até os cotovelos,
Ou de pé diante do cavalete, ou modelando argila,
Por favor, não me deixe ouvir você dizer: ele está apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Estou me expressando e criando.
Eu posso ser um artista ou um inventor algum dia.
Quando você me vê sentado numa cadeira
Lendo para uma platéia imaginária,
Por favor, não ria e pense que estou apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser professor algum dia.
Quando você me vê procurando insetos nos arbustos,
Ou enchendo os meus bolsos com todas as coisas que encontro,
Não jogue fora como se eu estivesse apenas brincando.
Porque enquanto brinco estou aprendendo.
Eu posso ser um cientista algum dia.
Quando estou entretido com quebra-cabeça,
Ou com um brinquedo na minha escola,
Por favor, não sinta que é um tempo perdido com brincadeiras...

Por que enquanto brinco estou aprendendo.
Estou aprendendo a me concentrar e a resolver problemas.
E posso estar em uma empresa algum dia.
Quando você me vê cozinhando ou experimentando alimentos,
Por favor, não pense porque me divirto, é apenas uma brincadeira.
Eu estou aprendendo a seguir instruções e perceber diferenças.
Eu posso ser um “chef” algum dia.
Quando você me vir aprendendo a pular e a saltar,
Correr, e movimentar meu corpo,
Por favor, não diga que estou apenas brincando.
Eu estou aprendendo como o meu corpo funciona
Eu posso ser um médico, um enfermeiro ou um atleta algum dia.
Quando você me pergunta o que fiz na escola hoje,
Eu digo, eu brinquei.
Por favor, não me entenda mal.
Porque enquanto eu brinco estou aprendendo.
Estou aprendendo a ter prazer e ser bem sucedido no trabalho.
Eu estou me preparando para amanhã.
Hoje, eu sou uma criança e meu trabalho é brincar.

ANEXO 3

Ao contrário, as cem existem

Loris Malaguzzi

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias

de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:

de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe:

que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.

Dizem-lhe enfim:

que as cem não existem.

A criança diz:

ao contrário as cem existem.